

A Igreja e a demografia

<p>Como é que a contraceção praticada por alguns casais tem uma dimensão política? Não é um assunto puramente privado?</p>	<p>Com a sua moral, não terá a Igreja uma pesada responsabilidade no crescimento demográfico mundial?</p>	<p>Porque é que muitos rejeitam a mensagem da Igreja sobre a miséria do Terceiro Mundo?</p>
<p>A moral conjugal da Igreja não é natalista?</p>	<p>Segundo certos especialistas, a posição da Igreja em matéria de contraceção e de demografia vai engendrar consequências dramáticas, principalmente fomes.</p>	<p>Porque haveria de se instaurar uma "licença de procriação" nos países ricos, onde a baixa natalidade toma já proporções inquietantes?</p>
<p>Onde está a fonte do ensinamento da Igreja sobre a população? Não é numa moral conjugal natalista?</p>	<p>Não estará a Igreja a negligenciar completamente os problemas demográficos quando enuncia os seus belos princípios sobre o desenvolvimento?</p>	<p>Em matéria de demográfica, não estarão de má fé os moralistas católicos? Com efeito, dizem que o desenvolvimento leva à queda da natalidade, mas ocultam que esta queda da natalidade é obtida, nos países desenvolvidos, através de métodos que a Igreja condena.</p>
<p>Não se é irrealista ao imaginar que os métodos naturais possam ser largamente divulgados e</p>	<p>Não haverá ingenuidade – se não provocação – parte dos Cristãos ao preconizarem o recurso aos métodos</p>	<p>As discussões sobre os métodos naturais remetem, portanto, para uma reflexão de fundo sobre o desenvolvimento</p>

utilizados?	naturais ?	humano
Qual é então o cerne deste ensinamento social da Igreja sobre a demografia?	Porque é que os ideólogos da segurança demográfica dão tanta atenção aos problemas ecológicos?	

**Como é que a contracepção praticada por alguns casais tem uma dimensão política?
Não é um assunto puramente privado?**

a) O que é politicamente preocupante é que a separação radical entre sexualidade e procriação permite a intervenção de um terceiro - por exemplo de um médico, mandatado ou não - na mais íntima relação interpessoal. O controle do comportamento sexual dos esposos, ou seja a fecundidade, arrisca-se a ser transferida para uma nova classe de tecnocratas ou para o Estado. Os exemplos da China ou do Vietname são infelizmente bem conhecidos, mas negligencia-se a reflexão sobre eles. Particularmente a China, chega ao ponto de fixar prazos durante os quais as mulheres, devidamente munidas da licença de procriação, são autorizadas a dar à luz. A transmissão da vida deve submeter-se ao calendário geral da produção nacional. O número de nascimentos admitidos obedece a quotas variáveis segundo os sexos, critérios eugénicos e diversos outros parâmetros definidos por tecnocracias impiedosas. ¹ Negligencia-se do mesmo modo a reflexão sobre outros exemplos igualmente inquietantes, como os do Brasil ² e do México. Segundo um estudo mencionado pelo IPPF (pouco suspeito na metéria!), mais de 40% das mulheres brasileiras em idade de procriar e utilizadoras de contraceptivos encontrar-se-iam esterilizadas. ³ No México, o panorama é semelhante. Uma das demógrafas mexicanas de maior renome informa que só no ano de 1982 foram esterilizadas 1358400 mulheres. ⁴ Numa publicação oficial, o próprio governo mexicano revela dados relativos a 1992. Naquele ano, de entre as mulheres que utilizavam contraceptivos, 17,7% tinham um dispositivo intra-uterino (DIU) e a 43,3% haviam sido esterilizadas. ⁵

b) Assim, a nossa sociedade é testemunha de duas novas formas de alienação.

Nela encontram-se muitas crianças sem pais e muitos pais sem filhos. Os filhos nascidos fora do casamento, da mesma mãe mas de pais diferentes, são majoritários em vários países da América Latina. Privados do afecto de uma família, tornam-se delinquentes, traficantes de droga, criminosos; prostituem-se. É o drama dos meninos de rua. A este propósito é notário que, se as crianças nascidas fora do casamento são a expressão de um aspecto significativo dos fenómenos demográficos no Terceiro Mundo, é aí urgente trabalhar para a revalorização da família.

Por outro lado, se não é raro que crianças sejam desapossadas dos pais, é cada vez mais frequente que os esposos sejam espoliados desta consequência natural do seu comportamento que é a procriação. Assistimos aqui à eclosão de uma situação *inversa* à denunciada por Marx. Para este, com efeito, a prole, os filhos, eram a única riqueza dos trabalhadores, aquela de que não eram espoliados. Os proletários descritos por Marx eram espoliados do produto do seu trabalho, não dos seus filhos. ⁶ Os casais do século XXI arriscam-se a ser espoliados da sua progenitura.

-
1. Sobre este assunto, v. John S. Aird, *Foreign Assistance to Coercive Family Planning in China. Response to Recent Population Policy in China*, Canberra, Terence Hull, 1992; também se deve a este grande especialista um estudo intitulado *Family Planning, Women, and Human Rights in the People's Republic of China*, Taipei, Meeting on Family and Demography in Asia and Oceania (Setembro de 1995).
 2. Ver Délcio de Fonseca Sobrinho, *Estado e População. Uma história do planeamento familiar no Brasil*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/FNUAP, 1993. Sobre a atitude dos EUA e do governo militar brasileiro, v. pp. 91-100. V. ainda Carlos Penna Botto, "Explosão demográfica", in *Revista Marítima Brasileira* (Rio de Janeiro), vol. 113, Janeiro-Março de 1993, pp. 103-113.
 3. Ver a revista *Open File* (Londres, IPPF), n.º de Novembro-Dezembro de 1996, p. 15.
 4. Cf. Mária-Eugenia Cosío-Zavala, *Changements de fécondité au Mexique et politiques de population*, Paris, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1994; v. quadro IV.11, p. 151.
 5. *Programa Nacional de Población*, México DF, Poder Ejecutivo Federal, 1995; v. quadro II.5, p. 24.
 6. Hannah Harendt consagrou páginas notáveis às relações entre trabalho e procriação em *Condition de l'homme moderne*, ed. fr., Paris, Calmann-Lévy, 1988 (v., v.g., pp. 133, 152ss.).

Com a sua moral, não terá a Igreja uma pesada responsabilidade no crescimento demográfico mundial?

a) É preciso antes de mais notar que países como a Índia ou a China, onde as situações demográficas são – segundo se diz – sérias e complexas, não sufocam sob a influência da Igreja e da moral cristã. Indira Gandhi sofreu uma derrota eleitoral retumbante em 1977 porque com o seu filho Sanjay tinha querido impor aos Indianos medidas anti-vida, principalmente a esterilização coerciva. Os Indianos aperceberam-se de que estas medidas eram intoleráveis porque desumanas, e não precisaram da Igreja para fazerem esta descoberta.

1

b) A Igreja não nega aliás minimamente a existência de questões demográficas mundiais; ela diz mesmo que estas devem ser examinadas seriamente. Mas o que a Igreja afirma sobretudo é que os problemas postos tanto pelo crescimento como pela implosão demográficas, são antes de mais de *natureza moral*. Mais exactamente, a sua solução torna-se difícil devido a "estruturas de pecado", que provocam inúmeras distorções no processo de desenvolvimento. É esta afirmação que incomoda e que muitos recusam.

Para a Igreja, o subdesenvolvimento e a pobreza têm a sua fonte no egoísmo, no materialismo, nas injustiças, na incompetência, na preguiça, na corrupção, nos desequilíbrios na distribuição da riqueza, na má organização, etc. Mas a Igreja acrescenta imediatamente que para estes problemas há soluções, e que estas soluções se chamam direitos do homem, respeito, justiça, paz, solidariedade, amor.

-
1. O caso da China foi recentemente estudado por um dos maiores especialistas da demografia deste país, John S. Aird, *Foreign Assistance to Coercive Family Planning in China. Response to Recent Population Policy in China*, Canberra, Terence Hull, 1992.

Porque é que muitos rejeitam a mensagem da Igreja sobre a miséria do Terceiro

Mundo?

Face aos pobres, os ricos têm má consciência e, segundo um processo clássico, procuram um bode expiatório para explicar as disfunções da sociedade actual.

Consideram então que os pobres são responsáveis pela sua própria pobreza. Ao mesmo tempo, os ricos fecham-se a todo o discurso que os levaria a ver que uma das maiores causas da miséria se encontra na dureza do seu coração. O drama é que eles se recusam a mudar de vida.

A moral conjugal da Igreja não é natalista?

A moral conjugal da Igreja é fundamentalmente aberta ao acolhimento da vida, mas isso não significa que a Igreja seja energeticamente natalista. No seu ensinamento constante, a Igreja recomenda a paternidade *responsável*. A Igreja não pede aos Cristãos que tenham o máximo possível de filhos, mas pede-lhes que tenham todos os filhos que possam razoável e generosamente acolher e educar, nas circunstâncias reais da sua vida.

Segundo certos especialistas, a posição da Igreja em matéria de contracepção e de demografia vai engendrar consequências dramáticas, principalmente fomes.

Segundo a própria FAO e o FNUAP, dos quais é conhecida a acção para o controle demográfico, há actualmente comida mais do que suficiente para alimentar o planeta. O problema essencial não é nem de ordem demográfica, nem de ordem agronómica; é de natureza moral, política e organizacional.

Isto não impede certos demografias ou agrónomos alarmistas de preconizarem a "licença de procriar", como existe na China. Quando se faz notar que esta ideia foi já proposta por Hitler no *Mein Kampf*, há pessoas que ficam furiosas. É no entanto a verdade e seria bom que daí tirassem conclusões...

Porque haveria de se instaurar uma "licença de procriação" nos países ricos, onde a baixa natalidade toma já proporções inquietantes?

A resposta a esta questão é dada com toda a clareza por partidários da planificação demográfica. O que dizem eles, em suma? Antes de mais é preciso fazer admitir o aborto, ou seja, o condicionamento da permissão de viver nos países ricos. Em seguida, aproveita-se o exemplo destes países para fazer admitir estas práticas e generalizá-se no Terceiro Mundo. Aliás, porque é que um país que não hesita em matar os seus próprios filhos, hesitaria em matar os dos outros.

Que a longo prazo estas práticas sejam suicidas para os países ricos, é algo que não parece preocupa-los minimamente... Destinadas ao Terceiro Mundo, estas campanhas suicidas acabam por se virar contra os países ricos que as lançaram. Este efeito de *boomerang* repercute-se até no próprio Terceiro Mundo, onde são as minorias mais educadas e instruídas, e portanto as mais preciosas para estimular o desenvolvimento, que têm acesso à mentalidade antinatalista.

Onde está a fonte do ensinamento da Igreja sobre a população? Não é numa moral conjugal natalista?

O que diz a Igreja sobre as questões *demográficas* encontra-se sobretudo no seu *ensinamento social*, que, sobre este ponto, recebe da *moral conjugal* uma luz particular. ¹ De resto, como explicámos, esta moral conjugal está orientada para a paternidade responsável.

Contudo, muitos não percebem que a moral social cristã é *tão exigente* como a moral conjugal da Igreja. ² Ora, o que diz antes de mais a Igreja no seu ensinamento social, é que o homem não é feito para o mercado; é o mercado que é feito para o homem. A vida do homem não pode ser organizada principalmente – ou mesmo exclusivamente – em função dos imperativos do mercado tal como ele é concebido pela ideologia liberal.

A igreja acrescenta que os problemas do desenvolvimento e da

população resultam do egoísmo geral daqueles que se recusam a pôr em causa o seu estilo de vida, a converter-se, e que por isso são levados a pôr em causa o direito dos mais fracos à vida.

1. O ensinamento sobre a vida dado por João Paulo II nos primeiros dez anos do seu pontificado deu origem a uma compilação de mais de oitocentas páginas: *Dieci anni per la vita* (organização de Giovanni Caprile e apresentação de Carlo Casini, Roma, Soc. Coop. Centro Documentazione e Solidarietà, 1988). V. também *Le droit à la vie*, Solesmes (col. "L'Enseignement des Papes"), 1981; e, na colecção "Ce que dit le Pape" das edições Le Sarmant-Fayard, *De la sexualité à l'amour* (n.º 15), *Se préparer au mariage* (n.º 7), *L'euthanasie* (n.º 11).
2. É o que sublinha João Paulo II na encíclica *Veritatis Splendor*, n.os 95-101.

**Não estará a Igreja a negligenciar
completamente os problemas demográficos
quando enuncia os seus belos princípios
sobre o desenvolvimento?**

A Igreja diz que é inadmissível que, no estudo do desenvolvimento, se ponha o acento tónico na importância da factor demográfico e que se queira agir principalmente sobre este, sem querer mudar os outros em profundidade. É inadmissível que se esteja muito menos disposto a tocar noutros parâmetros. Que parâmetros, por exemplo? As despesas excessivas com armamentos e burocracias pletóricas; insuficientes para o ordenamento do território, a agricultura, a saúde; irrisórias para a educação. Sem entrar noutras considerações, a Guerra do Golfo, por exemplo, custou um bilião de dólares por dia.

**Em matéria de demográfica, não estarão de
má fé os moralistas católicos? Com efeito,
dizem que o desenvolvimento leva à queda
da natalidade, mas ocultam que esta queda
da natalidade é obtida, nos países**

desenvolvidos, através de métodos que a Igreja condena.

a) É certo que é em parte devido a métodos condenados pela Igreja que a demografia retrocede nos países ricos. A melhor prova de que estas técnicas são más, e que a Igreja tem o direito e o dever de as condenar, é justamente o facto de os países onde são mais empregues terem caído *abaixo* da taxa de fecundidade necessária à substituição das gerações. Nos países ricos, esta taxa é de 2,1 filhos por mulher em idade de procriar. Vê-se bem que estes métodos são maus pelos resultados a que conduzem. Se continuarem a ser aplicados como agora, as nações onde são usados em larga escala vão desaparecer. De 1960 a 1990, o número de filhos por mulher em idade fértil passou de 2,37 a 1,45 na Alemanha; de 2,41 a 1,26 em Itália; de 2,57 a 1,60 na Bélgica. Em França, passou de 2,56 a 1,62, mau grado a importância da imigração. A qual, por seu turno, põe diversos problemas. ¹ Exagera-se então quando, neste caso, se fala de *suicídio* de um povo?

Não se espere portanto da Igreja que aprove estes métodos! Vale mais tomar nota da devastação que fazem nos países onde são largamente aplicados e reconhecer portanto que não são bons.

b) Pelo contrário, é totalmente certo dizer que, num país onde não há absolutamente nenhuma protecção eficaz dos pobres, a pobreza exacerbada aumenta formidavelmente o desejo de ter muitos filhos, *porque é o único meio de sobreviver*. Todos os que trabalham no terreno sabem que os pobres dizem muitas vezes "Haverá pelo menos um ou outro dos meus filhos que me alimentará e cuidará de mim quando eu for velho".

Como não dar razão à Igreja? Diz a Igreja que nas sociedades que não protegem as camadas pobres da população, é a própria pobreza que leva a esta conduta de sobrevivência baseada no afecto de um filho. A razão profunda, e de resto *única*, que inspira esta conduta, e que foi perfeitamente identificada por... Marx, é que o filho é a única riqueza do pobre. Ter muitos filhos é o único recurso de que dispõem os pobres para subsistir no futuro.

Quando não há segurança social, quem vai alimentar os velhos, senão os seus filhos? E como estes filhos são eles mesmos vítimas de uma taxa de mortalidade muito elevada, porque são mal cuidados e não comem o suficiente, é preciso ter muitos para sobreviver.

É assim perfeitamente lógico dizer que quando se luta eficazmente contra a pobreza, esta procura de segurança – baseada na

progenitura – perde a sua razão de ser. Esta situação nova diminui desde logo o desejo e a necessidade de ter uma descendência numerosa.

c) Os defensores da moral católica não têm portanto nenhuma razão esconderem uma tal situação. Eles devem, pelo contrário, denunciá-la e contribuir para lhe dar remédio. Aos que lhe pedem que aprove os seus métodos "modernos", a Igreja recomenda: "*Verificai vós próprios aonde leva o que fazeis*". Disseram-vos que esses métodos eram maus; vede: a própria Natureza vos mostra que fazeis mal a vós mesmos e ao outros".

d) A Igreja porém nunca pretendeu que seria fácil obter uma regulação dos nascimentos, em determinada população, através dos métodos correctos. Ela sublinha contudo um facto normalmente ocultado, a saber, que quando são *usados métodos desonestos e desumanos*, se corre para a catástrofe. Ou não resulta, ou mata-se (matamo-nos).

Acabaremos portanto por perguntar-nos se a acusação de hipocrisia não deve antes ser dirigida a outra morada.

-
1. Cf. *Eurostat* (1993), quadro E10, p. 98. Segundo os dados de *Eurostat*, "por comparação com 1975, frequentam hoje as escolas primárias dos países da Comunidade Europeia menos sete milhões de alunos, aproximadamente". V. *Europe Today* (Bruxelas), n.º 111 (23.03.1992), p. 1.

Não se é irrealista ao imaginar que os métodos naturais possam ser largamente divulgados e utilizados?

Para a Igreja, a aprendizagem dos métodos naturais de controle de natalidade deve fazer parte da educação de base à qual todos os homens e mulheres têm direito. É pela generalização destes métodos que se pode esperar atingir uma natalidade equilibrada no respeito da especificidade da sexualidade humana, das pessoas e dos casais.

Os meios fáceis divulgados actualmente pela sociedade de consumo têm por característica o desencadear perturbações demográficas catastróficas e serem agressivos para os cônjuges que os empregam.

Além disso, como confirmam as práticas actuais, estes meios fáceis expõem a reprodução humana a uma planificação imperativa, privando os casais de toda a liberdade responsável.

Fica-se consternado ao ver que a China, contra-exemplo máximo de país em vias de desenvolvimento e bastião de um completo totalitarismo, seja citada elogiosamente por ocidentais defensores dos métodos contraceptivos, pela eficácia barbara das suas campanhas anti-vida.

Não haverá ingenuidade – se não provocação – parte dos Cristãos ao preconizarem o recurso aos métodos naturais?

A situação mundial, onde a violência age sob as formas mais diversas, incita os Cristãos a estudarem, aperfeiçoarem e fazerem conhecer os métodos naturais de controle da fecundidade. Estes têm a enorme vantagem de serem menos "agressivos" e menos escravizadores para a mulher. Consequentemente, estes métodos respeitam mais a harmonia do casal, além de que predispõem os cônjuges ao exercício da sua liberdade responsável na sociedade política e na vida económica.

Estes métodos naturais, demasiadas vezes mal conhecidos e desacreditados, provaram de resto a sua capacidade para fazerem diminuir eficazmente o crescimento da população, onde o problema se põe. Madre Teresa recebeu de Rajiv Gandhi uma das mais altas distinções da Índia porque, em Calcutá, teve sucesso onde os técnicos da "contracepção moderna" tinham falhado clamorosamente.

As discussões sobre os métodos naturais remetem, portanto, para uma reflexão de fundo sobre o desenvolvimento humano?

Se o ideal do desenvolvimento humano é concebido como a corrida ao consumo e à facilidade, os métodos ditos "modernos" de contracepção vão evidentemente nesse sentido.

a) Todavia, como já sublinhámos, estes métodos tiveram e têm por

resultado uma queda catastrófica da natalidade e um envelhecimento da população. Os seus *efeitos* fazem-se já sentir nos países ditos desenvolvidos, e começam já a ser perceptíveis em certos países do Terceiro Mundo. Esta depressão demográfica e este envelhecimento criarão inevitavelmente graves dificuldades, especialmente de ordem social e económica, às próximas gerações; além de que exacerbarão inevitavelmente as tensões ocasionadas pela imigração.

b) Pelo contrário, se ideal do desenvolvimento é visto principalmente como a *educação das pessoas para a responsabilidade*, a fraternidade e a generosidade, então o domínio da fecundidade pode muito bem ser obtido fora dos métodos que a Igreja reprovava.

c) Os homens têm portanto à escolha entre meios de responsabilidade e meios que violentam. A discussão relativa aos métodos admitidos ou rejeitados pela Igreja conduz-nos assim a repor o problema *da qualidade do desenvolvimento humano*, e *em consequência*, o da *qualidade das relações* no seio do casal.

Qual é então o cerne deste ensinamento social da Igreja sobre a demografia?

Todo o ensinamento social de João Paulo II é um apelo à *solidariedade* de todos os homens, tanto no espaço como no tempo. Há alimentos bastantes, recursos, conhecimentos e capacidade suficientes para tirar os pobres da sua miséria. Mas é indispensável que haja vontade eficaz de partilhar e de elevar o nível de vida dos pobres para que em consequência sejam eles próprios a diminuir a sua fecundidade.

Além disso, aos olhos da Igreja, a diminuição da natalidade só pode ser feita por uma atitude responsável, o que exclui a mentira, a coacção ou a violência. Para ela, as questões demográficas só podem ser resolvidas no respeito da dignidade de cada ser humano. Tudo o que se assemelhe a uma *polícia demográfica* deve ser rejeitado com menosprezo.

Porque é que os ideólogos da segurança demográfica dão tanta atenção aos problemas ecológicos?

Nas suas diferentes formulações, a ideologia da segurança demográfica retoma, modernizando-a, a doutrina bem conhecida do *espaço vital*. Foi, entre outras coisas, em nome do direito da raça ariana ao espaço vital que lhe era – pretensamente – indispensável, que o Estado nazi se lançou em guerras com fins expansionistas.

a) Quando os ideólogos da contracepção e da contragestação recheiam os seus discursos com avisos relativos à "deterioração do meio ambiente" e "ao esgotamento dos recursos naturais", há que redobrar a vigilância. Paralelo ao discurso sobre a demográfica, o discurso sobre o ecossistema é regularmente chamado em ajuda do discurso antinatalista. Com risco de dissimular os mesmos objectivos e de ser chamado a "legitimar" os mesmos programas de restrição da população pobre.

Como no tempo de Malthus, cala-se a capacidade do homem de "acrescentar" à natureza, e assegura-se que o "gado humano" deve ser estritamente contido dentro de limites que os tecnocratas se dedicam a definir.

b) Os poderosos do mundo inteiro fazem aqui actuar, em seu proveito, a doutrina do espaço vital que os seus precursores invocavam em favor da raça. Contudo, esta invocação do direito ao espaço vital vai mais longe, do que ia no princípio do século. Com efeito, os ricos e os fortes querem não somente *preservar* o seu bem-estar *actual*, como fazem valer de certo modo, em favor dos seus descendentes, um *direito de preferência* sobre todos os recursos naturais assim como sobre os meios que permitem tratá-los. Sabendo bem que os pobres não terão capacidade para lhes acrescentar valor, os ricos reservam de antemão para si a sua exploração. De certo modo, fazem espoliação do futuro.

c) Esta concepção do *espaço vital* permite em particular aos Estados Unidos da América reinterpretar a ideia que têm da sua *fronteira*,¹ vista como uma zona em movimento constante, conquistada por exploradores que pretendem aí substituir-se aos "indígenas" - por vezes matando-os – a fim de se apropriarem do benefício dos recursos naturais que, segundo eles, os "indígenas são incapazes de explorar convenientemente". Esta *fronteira* deslocou-se para Sul (onde esteve na origem da Guerra de Secessão) e para Oeste; deslocou-se também para Sudoeste pela anexação de territórios pertencentes ao México. Mas esta *fronteira* não cessa de se deslocar até hoje, em particular em direcção ao sub-continente latino-americano, considerado – desde o presidente Monroe – como o "quintal" dos EUA. Um "quintal" que não pára de se estender, sob um controle reforçado.

d) Os países ricos estendem o seu *direito de preferência ao saber e ao*

saber-fazer . Guardam ciosamente para si os sectores de ponta. Por exemplo, tendo a maioria na OMC (a Organização Mundial do Comércio, ex-GATT) seleccionam cuidadosamente os conhecimentos que estão dispostos a partilhar. Os EUA retiraram-se da UNESCO quando se aperceberam de que os países do Terceiro Mundo reclamavam uma "nova ordem mundial" da informação. Como eles, os outros países ricos sabem que uma população numerosa, se é *bem educada e instruída* , é fonte de desenvolvimento porque é propícia às trocas. Mas como esquecer que todos os totalitarismos se empregam em empobrecer estas trocas, congelando assim os povos no seu subdesenvolvimento?

e) Assim aparece a *conexão* estreita que existe entre as campanhas de *controle da vida humana* e a *mentalidade conservadora* . Os poderosos deste mundo consideram que a sua segurança é o fundamento dos seus direitos; não só do seu direito a controlar o conjunto da população mundial, mas também do direito de controlar o conjunto dos recursos, inclusive intelectuais. Ora esta obsessão pela segurança engendra, nos indivíduos como nas sociedades, uma avareza de um tipo novo e uma inibição da criatividade. Esta avareza consiste em invocar a mundialização da sociedade humana e do mercado, para subtrair aos países pobres a possibilidade de disporem dos seus recursos naturais. Os ricos e os fortes querem perpetuar o presente; não fazem senão *previsões* . Fazem contudo más previsões, porque, à força de sublinharem que uma criança *custa* , perdem de vista que virá normalmente um dia em que é *produzirá* . Como todos os avaros, os ricos pensam o futuro como a rígida consolidação do seu bem-estar actual. Recusam-se a indicar a menor *í prospectiva* , dado que esta os levaria a pôr generosamente em questão as práticas de hoje em nome de um mundo mais justo e mais solidário que se desejaria ver eclodir amanhã.

1. Cf. Peter Bauer, *The Development Frontier* , Harvard University Press, 1991.